

ANGÚSTIA E SOCIEDADE NA OBRA DE
SIGMUND FREUD



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT
JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Gustavo Adolfo Ramos

ANGÚSTIA E SOCIEDADE NA OBRA DE
SIGMUND FREUD

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Ramos, Gustavo Adolfo

R147a *Angústia e sociedade na obra de Sigmund Freud /*
Gustavo Adolfo Ramos. – Campinas, SP: Editora da
Unicamp, 2003.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise. 3. Teoria
psicanalítica. 4. Angústia. I. Título.

CDD – 150.1952

– 157.2

– 152.4

ISBN 85-268-0622-X

Índices para catálogo sistemático:

1. Freud, Sigmund, 1856-1939	150.1952
2. Psicanálise	150.1952
3. Teoria psicanalítica	157.2
4. Angústia	152.4

1ª reimpressão, 2014

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

*Para minha esposa, Viviana Velasco.
Para meus filhos.*

Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couvercle
Sur l'esprit gémissant en proie aux longs ennuis,
Et que l'horizon embrassant tout le cercle
Il nous verse un jour noir plus triste que les nuits;

Quand la terre est changée en un cachot humide,
Où l'Espérance, comme une chauve-souris,
S'en va battant les murs de son aile timide
Et se cognant la tête à des plafonds pourris;

Quand la pluie étalant ses immenses traînées
D'une vaste prison imite les barreaux,
Et qu'un peuple muet d'infâmes araignées
Vient tendres ses filets au fond de nos cerveaux,

Des cloches tout à coup sautent avec furie
Et lancent vers le ciel un affreux hurlement,
Ainsi que des esprits errants et sans patrie
Qui se mettent à geindre opiniâtrement.

— Et de longs corbillards, sans tambours ni musique,
Défilent lentement dans mon âme; l'Espoir,
Vaincu, pleure, et l'Angoisse atroce, despotique,
Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.

CHARLES BAUDELAIRE, *Spleen*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Parte 1 — ANGÚSTIA NA NEUROSE E NA TEORIA	
<i>Dor</i>	15
<i>Angústia e negatividade</i>	19
<i>Angústia e recalçamento</i>	28
<i>Em seguida</i>	37
<i>Visão do todo: a “Conferência XXV”</i>	67
<i>Angústia e perigo</i>	90
<i>Em Inibição, sintoma e angústia</i>	106
<i>Da neurose de guerra</i>	139
<i>Mais um pouco</i>	143
<i>Enfim</i>	145
Parte 2 — ANGÚSTIA E SOCIEDADE	
<i>Em Totem e tabu</i>	148
<i>Em Psicologia de massas e análise do eu</i>	169

<i>Angústia diante do pai — de volta a Totem e tabu</i>	177
Futuro de uma ilusão e a introdução da <i>angústia</i> <i>de desamparo</i> (Hilflosigkeit)	195
<i>Em Mal-estar na civilização e conclusões finais</i>	226
NOTAS	245
BIBLIOGRAFIA	265

INTRODUÇÃO

A obra de Sigmund Freud continua atual. Aliás, é difícil saber quais obras psicanalíticas estão envelhecendo mais rapidamente, a do fundador ou outras que estabeleceram com o espírito de seu tempo uma relação excessivamente estreita, como aquela de Jacques Lacan, embora bem mais recente. Do mesmo modo, devido à incrível multiplicidade que tomou o campo psicanalítico, a obra de Freud tem sido o único referencial em comum que alcança alguma solidez. Portanto, ela continua a ser necessariamente lida por quem quer que se aventure pelos lados da psicanálise.

Trata-se, todavia, de uma obra extensa. Foi escrita e reformulada durante mais de 40 anos e a relação entre os elementos, entre as teorias isoladas, fragmentos de teorias e os conceitos, continua sendo muito difícil de ser estabelecida. Nesse sentido, ela tem algo de enigmático. É sobre alguns desses enigmas que o presente texto se debruça.

Mais que enigmática, ela é difícil. Minha experiência com alunos de graduação e pós-graduação tem mostrado que, mesmo num nível relativamente elementar de leitura, a obra de Freud apresenta obstáculos surpreendentes. Desse modo, trata-se aqui também de buscar explicar o texto freudiano, se é que isso é possível.

O objetivo principal deste livro é justamente o de relacionar partes da construção freudiana e, ao mesmo tempo, apresentá-las ao estudante. Em publicação anterior, pude perceber que as teorias freudianas da angústia não tinham somente uma relação estreita com a explicação da neurose, mas, uma vez que esta última servia como modelo para a explicação da cultura, angústia e cultura deveriam, assim, ter uma relação importante, porém a ser ainda explicitada. Como, em Freud, há nitidamente pelo menos duas teorias da angústia e como a explicação desta última se transforma grandemente a partir de 1926, com o surgimento de *Inibição, sintoma e angústia*, supus que a interação entre essas teorias e a teoria da cultura seria tão estreita que sua análise poderia nos levar a encontrar duas teorias da cultura, uma antes e outra após 1926.

Já não creio nisso. Suponho que não se possa encontrar uma relação tão imbricada assim entre cultura e angústia. Entretanto, foi possível mostrar que a explicação da angústia pós-1926, tomada como reação diante do perigo, em oposição à idéia anterior, da angústia como transformação “tóxica” da libido não utilizada, dá lugar a um enorme desenvolvimento das idéias sobre a cultura. Isso porque permitirá unir a idéia, já presente no início da obra freudiana, de desamparo da criança com a idéia de desamparo humano em geral, também já presente na obra, desde 1910, mas de maneira tímida e pouco valorizada. De algum modo, é possível dizer que é essa última teoria da angústia

o que irá permitir todo o desenvolvimento de conjunto da teoria da cultura que se vai encontrar em *Mal-estar na civilização*, de 1930. Isto é, a explicação da angústia, dada em 1926, ao tornar possível inter-relacionar partes da obra, irá pô-la em movimento. O resultado desse movimento é uma visão de conjunto, mais inteira, sobre a cultura e a sociedade, e isso é, a meu ver, o que finalmente se constrói no texto de 1930.

No presente livro, na primeira parte, persigo as transformações pelas quais passa a explicação da angústia ao longo da obra de Freud. Na segunda, busco relacioná-las com seus textos ditos culturais, especialmente *Totem e tabu*, *Futuro de uma ilusão* e *Mal-estar na civilização*.

Quanto à palavra angústia, não vou defini-la de antemão. A tradução brasileira da obra de Freud, seguindo a edição *standard* inglesa, estabelecida por James Strachey, introduz a palavra ansiedade (*anxiety*) sobretudo para caracterizar a angústia neurótica. Não vejo por que fazê-lo. Isso, primeiro, porque não é sempre que Freud está diferenciando, na essência, angústia neurótica e angústia realista. Segundo, porque a palavra utilizada em alemão é *Angst*, que é proveniente do próprio vocábulo latino *angustia*, aperto.

Suponho que a palavra *Angst*, tal como é usada pelo criador da psicanálise, tem, mais que tudo, a função de apontar o campo semântico do medo, de tal modo que o próprio Strachey salienta que Freud não consegue estabelecer as distinções feitas por ele mesmo entre *Angst* (angústia), *Furcht* (medo) e *Schreck* (terror). Digo, ainda, que a palavra *Unheimlich* (sinistro) está nesse campo. Angústia, portanto, tal como utilizo aqui, é um termo bem genérico que se vai definindo no contexto da obra freudiana. Finalmente, é preciso dizer que a referência principal

aqui é a tradução argentina, de José Etcheverry, da editora Amorrortu, que traduz uniformemente *Angst* por angústia.*

* Tomei a liberdade de retraduzir para o português os trechos aqui transcritos da edição argentina. Isso fiz calcado no ponto de vista de que, para o leitor brasileiro, manter os trechos em espanhol tornaria a leitura muito mais pesada do que ela necessita ser. Para realizá-lo, tive inúmeros cuidados e um deles consistiu no cotejamento de minha retradução com o *compact disk* da edição eletrônica brasileira das obras de S. Freud. A obra condensada em alemão, *Die Sigmund Freud — Studienausgabe*, foi também utilizada.

Parte 1

ANGÚSTIA NA NEUROSE E NA TEORIA

Dor

Para introduzir a angústia, proponho, antes, fazê-lo com outro afeto também desprazível — a dor — por razões que serão logo compreendidas. Isso nos será facilitado pela pequena quantidade de referências existentes, visto que, diferentemente da angústia, a dor é bem pouco aludida na obra de Freud. Para fazê-lo, no entanto, é preciso ir ao *Projeto de uma psicologia* e isso torna todo entendimento dificultoso e a leitura cansativa. Se o leitor se sentir desencorajado e preferir deixar este item, saltando para o próximo, poderá já ter a certeza de que isso não impedirá a seqüência da leitura. Contudo, é preciso avisar que, se o modelo do recalçamento que se encontra em *Inibição, sintoma e angústia*, de 1926, já está em “Mais além do princípio do prazer”, de 1920, muito deste podemos certamente encontrar no *Projeto*. Isso faz da leitura deste, penso, não uma condição *sine qua non* de conhecimento da obra freudiana, mas, pelo menos, algo curioso. Vejamos.

Se, em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/1991), a angústia funciona como um afeto “modelo” e está na raiz do recalçamento, muito antes, em 1895, no *Projeto de uma psicologia* (Freud, [1895]1950b/1991, e Freud, [1895]1950b/1995),¹ esse papel cabe à dor. Esta última aparece, aí, como um fenômeno resultante do fracasso dos dispositivos (biológicos) que afastam do organismo grandes quantidades de excitação provenientes do mundo exterior.² Trata-se, assim, a dor, de consequência de uma espécie de perfuração ou ruptura, pela excitação externa, do que Freud nomeia dispositivos protetores ou pára-excitações.³ Desse modo, diz Freud, a dor produz um acréscimo de nível de excitação que é sentido como desprazer. Cria-se então uma tendência à descarga e, mais importante, uma facilitação (de passagem da excitação) entre descarga e imagem-recordação do objeto provocador. A facilitação é algo que cria memória, já que um caminho associativo (entre neurônios) se torna “facilitado”, isto é, preferível a outro. Sendo assim, algo semelhante ao estado de dor pode, então, ser reproduzido a partir dessa imagem-recordação (do objeto causador da dor, portanto hostil), de maneira a despertar desprazer e uma tendência à descarga análoga à dor. Desse modo, a vivência da dor pode ser reproduzida na ausência do objeto que a provocou, mas, evidentemente, na presença de sua imagem:

Na vivência genuína da dor era Q [quantidade em geral] exterior irruptiva que aumentava o nível Ψ [sistema de neurônios impermeáveis, dotados de resistência em relação a $Q\eta'$, quantidade de ordem intercelular]. Na reprodução da vivência — *no afeto* —, somente sobrevém a Q que investe a recordação e é claro que esta tem que ser da natureza de uma percepção qualquer [...] (Freud, [1895]1950b/1991, p. 365; meus comentários entre colchetes).

Eis a dor enquanto “afeto” e este último é, pois, reprodução, resto de vivências, “memória”. Assim nada podemos estranhar quanto ao fato de Freud afirmar na “Conferência XXV” que o afeto é adquirido, aprendido, uma espécie de histeria natural.⁴ A explicação que Freud dá a essa vivência, no *Projeto*, está em supor que, se na dor genuína a excitação responsável pela sobrecarga vem de fora do organismo, no investimento das recordações deixadas por ela, diferentemente, libera-se desprazer a partir do interior do corpo. O autor conjectura, então, sobre a existência de neurônios secretores que, quando excitados, influem sobre a produção de quantidades de excitação endógena que não são eliminadas, como o seriam no caso da ação motora (mas apenas aportadas). Nesse sentido, se a dor em si segue o modelo da ruptura, a sua vivência como afeto, como reprodução, tem por paradigma uma espécie de “implosão”, nos dizeres de Pontalis.⁵

Os restos ou “seqüelas” das vivências — de desprazer e de satisfação — seriam respectivamente os afetos⁶ e os estados de *desejo*.⁷ Entre ambos estabelece-se, então, uma relação que resultará no recalçamento.

Do estado de desejo, tem-se uma atração em relação ao objeto — à sua imagem mnêmica. Da vivência de dor, ao contrário, resulta uma repulsão, uma tendência a desinvestir (abandonar) a sua imagem mnêmica, a, digamos, “fugir”. À primeira, Freud atribui o nome de atração de desejo primária e, à segunda, o de *defesa* primária. A esta última, ainda, o autor dá o nome de recalçamento, *Verdrängung* (esforço de suplantação e desalojamento, segundo a tradução Amorrotu). A dor, ou melhor, a sua vivência, surge então na explicação do recalçamento:

Mais difícil de explicar⁸ é a *defesa* primária ou *repressão*, o fato de que uma imagem-recordação hostil seja sempre abandonada pelo investimento o mais rapidamente possível. Não obstante, a explicação talvez resida em que se pôs termo às vivências primárias de dor mediante defesa reflexa. A emergência de outro objeto no lugar do hostil foi o *senal* de que a vivência de dor havia terminado e o sistema Ψ busca, instruído *biologicamente*, reproduzir em Ψ o estado que definiu o cessar da dor (Freud, [1895]1950b/1991, p. 361, grifos meus).

Portanto, o modelo base do recalçamento é a reprodução, não da dor, mas da vivência de sua cessação, o que não deixa de ser uma espécie de *senal*.

Mais à frente, no próprio *Projeto*, Freud afirma ainda, a pretexto da histeria, que o recalçamento diz respeito a representações que despertam no eu um afeto penoso, são provenientes da vida sexual e buscam satisfação. É esse afeto, então, que imporia o recalçamento, pois “já supusemos uma defesa primária que consiste em que a corrente de pensamento dá a volta assim que ela se choca com um neurônio cujo investimento libera desprazer” (idem, op. cit., p. 398). A explicação para isso estaria, pois, em duas espécies de experiências:

1) que esse investimento neuronal não é certamente o procurado, toda vez que o processo de pensamento originariamente objetivava estabelecer a situação de satisfação Ψ e 2) que quando se pôs termo, por via reflexa, em uma vivência de dor, a percepção hostil foi substituída por outra (ibidem).⁹

Portanto, a dor é explicada como uma espécie de ruptura de barreiras e de “implosão” que servem de modelo ao recalçamento e, mesmo, o impulsionam.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, a explicação será basicamente a mesma, mas o estado afetivo (de desprazer) envolvido será a angústia (vivida também como reprodução e *senal*). É dessa forma que, ali, a diferenciação entre a angústia e a dor torna-se tão incômoda e tão pouco satisfatória, como o próprio Freud o confessa (Freud, 1926/1991, “Addenda”, item c, p. 157) — ambas são muito próximas do ponto de vista de sua explicação.

Se assim é a partir de 1926, até então o significado da angústia é um tanto diferente. É interessante que até esse momento da teorização a angústia não apareça no mesmo plano da experiência de dor, como sinal, como reprodução capaz de mover a defesa, mesmo que concordemos com André Green (1992, p. 39) quando afirma que a idéia de experiência da dor, diferentemente da própria dor, equivale à própria idéia de desprazer em geral. Esse desprazer em geral, então chamado dor, ocupa no modelo explicativo da neurose pré-1926 o grande papel de motivo, causa, da defesa. Ora, se nesse momento da construção freudiana a angústia não está como causa, ela está então como consequência, como veremos a seguir.

Angústia e negatividade

Nos anos 1890, a angústia surge na escritura freudiana como uma espécie de subproduto indesejável da sexualidade. Um produto alheio ao psíquico, que representa, para o observador (Freud), algo que não se deixa representar para o sujeito, isto é, que, justamente por não chegar ao psíquico, não se deixa simbolizar.

Em carta a Fliess, cuja data provável é de junho de 1894, no Manuscrito E (Freud, [1894a]1950a/1991),

Freud diz-se surpreso com o fato de que a angústia nos neuróticos pode ser seguramente relacionada à sua sexualidade. E, ainda, com o fato de que a prática do *coitus interruptus* poderia conduzir, com bastante probabilidade, ao desenvolvimento de sintomas do que ele próprio chamou de neurose de angústia.

Relata, então, que, durante algum tempo, se deixou levar por “falsos caminhos”, de maneira que supôs que a angústia dos neuróticos deveria ser concebida como “continuadora daquela sentida no ato sexual”, isto é, que ela seria um sintoma histérico. No *coitus interruptus*, diz, poderiam ser assinalados momentos propícios para a sensação de angústia, que se prolongaria em sintoma neurótico: o medo da gravidez, o temor de que esse artifício contraceptivo houvesse falhado etc. Entretanto, Freud diz-se convencido de que a neurose de angústia se produzia também nos casos em que essas “razões” inexistiam completamente, onde não importava realmente o fato de uma gravidez. Não seria, portanto, uma histeria.

Também, Freud menciona algo que afirma ter extrema importância: a neurose de angústia atingiria tanto mulheres anestésicas nas relações sexuais como aquelas bastante sensíveis. Tal constatação o leva a afirmar: “isso é assombroso, mas só pode significar que a fonte da angústia não deve ser buscada dentro do psíquico. Portanto se situa no físico, o que produz a angústia é um fator físico da vida sexual” (idem, op. cit., p. 229).

Qual seria esse fator?, interroga-se Freud, e propõe-se a enumerar casos em que poderia relacionar angústia e causalidade sexual. Fala, assim, de angústia em pessoas virgens. Fala-nos também da angústia em pessoas voluntariamente abstinentes (que além disso teriam um sentido exagerado de limpeza e minuciosidade); em pessoas forçadas